

O que permanece e o que está a mudar, afinal, na vida profissional do professor de Matemática? O relacionamento directo com o aluno em torno do trabalho matemático, continua a ser, sem dúvida, o eixo central da sua actividade. Este relacionamento desenvolve-se, hoje em dia, num contexto completamente diferente do passado. Tanto a prática lectiva, como a prática extra-lectiva e o campo do desenvolvimento profissional envolvem uma miríade de elementos novos que fazem da docência uma profissão dinâmica, que não deixa de ter as suas dificuldades, mas se afigura repleta de desafios.

Continuidade e mudança no papel do professor

João Pedro da Ponte

Fala-se muito das mudanças sociais e do novo papel que a escola é chamada a assumir. Essas mudanças não podem deixar de se reflectir na actividade do professor, na sua identidade profissional e nos seus processos de formação. Mas, afinal, o que se mantém e o que está a mudar na vida profissional do professor?

Uma sociedade em mudança

O relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI elaborado para a UNESCO, coordenado por Jacques Delors, refere diversas forças contraditórias, cada vez mais visíveis na nossa sociedade. São as tensões entre o global e o local; o universal e o singular; a tradição e a modernidade; as soluções a curto e a longo prazo; a indispensável competição e o cuidado com a igualdade de oportunidades, o extraordinário desenvolvimento e disseminação dos conhecimentos e as capacidades de assimilação por parte do homem (Delors, 1996, p. 14).

Segundo este relatório, a escola precisa de afirmar a sua missão intelectual e social na sociedade, contribuindo para a salvaguarda dos valores universais e do património cultural. Os valores culturais que a educação deve cultivar incluem, na perspectiva deste documento, aspectos como o reconhecimento dos direitos do homem em conjugação com o sentido das responsabilidades sociais; a pro-

cupação com a equidade social e com a participação democrática na tomada de decisões; a compreensão e a tolerância em relação às diferenças e ao pluralismo cultural; a disponibilidade para com os outros; o espírito de cooperação; a capacidade de iniciativa; a criatividade; o respeito da igualdade; o espírito de abertura à mudança; e uma atitude activa de protecção do ambiente e de apoio ao desenvolvimento sustentável. Orientar a educação do homem por estes valores coloca vários desafios à sociedade, à escola e ao professor.

Vivemos numa sociedade cada vez mais marcada pela diversidade resultante dos movimentos migratórios que põem em contacto culturas e civilizações, dos movimentos de diferenciação e afirmação de novos grupos sociais, do reconhecimento das tradições culturais e da afirmação dos direitos individuais. Estes processos de mudança não devem resultar em exclusão, incompreensão ou antagonismo, mas sim em inclusão e cooperação. Integrar positivamente essa diversidade é um dos desafios mais importantes que se colocam presentemente à sociedade e à escola.

No presente, as tecnologias de informação e comunicação constituem uma das principais forças geradoras de dinâmica social, pondo à disposição dos cidadãos uma massa extraordinária de informação, criando novos serviços e abrindo novas possibilidades de participação na vida social.

A escola e os professores vêem-se perante o desafio de desenvolver nos jovens a capacidade de lidar de forma crítica e pertinente com esse importante recurso.

As tecnologias de informação e comunicação constituem um factor de poder que pode ser utilizado no bom e no mau sentido, tanto para automatizar actividades de rotina e tornar mais eficaz a acção humana, como para controlar, manipular e excluir. Elas comprimem o espaço e o tempo, permitem novas formas de aproximação e interacção entre os diversos actores e proporcionam o desenvolvimento de novas facetas da identidade humana. Saber integrá-las no dia a dia da actividade educativa, de modo a que constituam um elemento de emancipação — e não de mistificação —, é outro dos grandes desafios com que se debate hoje em dia o sistema educativo.

A promoção do progresso económico e técnico constitui, sem dúvida, um factor de primeiro plano na educação e na cultura. No entanto, seria um erro subordinar a educação às necessidades da economia. É o desenvolvimento da dimensão humana e cultural, em todos os jovens, que deve constituir o grande objectivo do sistema educativo. Cabe à escola e aos professores equacioná-lo no presente quadro de mudança social.

Os campos de acção do professor

O professor é, antes de mais, uma pessoa que ensina qualquer coisa a alguém. É na relação triádica que se estabelece entre o professor, o aluno e a disciplina que ele ensina, que



Figura 1. O Triângulo Didáctico inserido no respectivo contexto educativo.

encontramos a essência da actividade docente. Esta relação, no entanto, desenvolve-se sempre num determinado contexto social, institucional e político, que é indispensável ter em consideração (ver a figura 1)

O triângulo professor-aluno-saber constitui uma ideia clássica da didáctica. O que é novo, nos nossos dias, é a saliência do contexto envolvente e o modo como ele influencia não só cada um dos vértices, como todo o conjunto.

Na verdade, o professor é um profissional que exerce uma função no sistema de ensino público ou privado, regida por um contrato que lhe confere certos direitos e lhe impõe deveres. É um cidadão, com uma perspectiva sobre os problemas da sua sociedade, a nível local e nacional, o que lhe atribui uma dimensão cívica e política incontornável. É, também, uma pessoa com sentimentos, preocupações, valores e emoções, pelo que a sua dimensão humana, moral e afectiva não pode ser ignorada. O professor é, ainda, um membro da organização escolar e da comunidade educativa, pelo que há, igualmente, uma dimensão organizacional e, muitas vezes, associativa, na sua actividade integrando uma cultura profissional específica.

A prática profissional do professor desdobra-se por diversos campos. Podemos distinguir três campos fundamentais fortemente interligados: (i) a prática lectiva, (ii) a prática extra-lectiva e (iii) o desenvolvimento profissional.

A prática lectiva corresponde às situações em que o professor interage com o aluno com a intenção explícita de favorecer a sua aprendizagem e promover o seu desenvolvimento. Trata-se, sem dúvida, do campo principal da actividade do professor — mas, sendo o principal, está longe de ser o único.

A prática extra-lectiva inclui todas as restantes situações da actividade profissional em que o professor interage com outros elementos da comunidade educativa (colegas, famílias, responsáveis educativos, autarcas, outros alunos, etc.) ou trabalha (sozinho ou em equipa) no planeamento, na pre-

paração e na avaliação dos momentos de prática lectiva.

Finalmente, o desenvolvimento profissional corresponde às situações em que o professor procura, explicitamente, aprofundar os seus conhecimentos e competências na sua especialidade de docência, no domínio educativo e em aspectos de natureza cultural ou pessoal, tendo em vista o exercício da sua actividade profissional.

Embora de formas diferentes, as dimensões individual e organizacional do trabalho do professor são importantes em todos estes campos, entre os quais existe, aliás, uma forte interligação. Na verdade, uma prática lectiva que não é suportada por um contexto escolar funcional e estimulante, onde se desenvolvem projectos educativos orientados para as necessidades dos alunos e da respectiva comunidade, dificilmente pode promover as aprendizagens visadas. Um professor que não acompanha o progresso do saber no seu domínio de ensino, que não procura conhecer os meios didácticos à sua disposição, que não desenvolve as suas competências profissionais, organizacionais e pessoais, dificilmente pode realizar um ensino de qualidade e dar um contributo positivo à comunidade educativa onde se insere. Olhemos, então, para cada um destes campos com mais pormenor.

A prática lectiva

A prática lectiva envolve a organização e a condução de situações de ensino-aprendizagem, de acordo com uma perspectiva curricular, concebendo tarefas apropriadas para os alunos e avaliando a sua progressão nos diversos objectivos.

A actividade do professor é eminentemente relacional. Ele tem de suscitar no aluno o desejo de aprender, ajudá-lo a compreender o propósito da escola e favorecer a sua capacidade de auto-avaliação. Cabe-lhe ajudar o aluno a construir o seu próprio projecto pessoal. Tem, também, de dar uma especial atenção à gestão da heterogeneidade dentro de cada turma, por forma a que o espírito de colaboração esteja presente.

No campo da prática lectiva muito tem mudado no papel do professor, em função da evolução do currículo. Nos últimos dez anos emergiram novos objectivos, especialmente no que respeita a capacidades, atitudes e valores, com destaque para a resolução de problemas, e para o desenvolvimento do raciocínio matemático e da compreensão do papel da Matemática no mundo de hoje. Novos conceitos têm sido propostos — como o conceito de competência — remetendo estas perspectivas curriculares para a valorização de tarefas de natureza mais aberta, para novas formas de trabalho na sala de aula, para a utilização de materiais variados incluindo novas tecnologias, bem como para a diversificação dos processos de avaliação.

Neste quadro, duas alterações merecem especial relevo. Uma, é a mudança nas dinâmicas que ocorrem dentro da sala de aula, tendo por base tarefas que colocam a actividade do aluno como a base fundamental do processo de ensino-aprendizagem. A outra, é o papel do professor em face do currículo. O professor está a deixar de ser visto como um simples transmissor de um *programa* estabelecido a nível nacional, para passar a ser encarado cada vez mais como um protagonista com responsabilidades na criação de um currículo em acção verdadeiramente adaptado às necessidades dos seus alunos.

A prática extra-lectiva

O professor faz parte da equipa pedagógica da escola. Pertence a conselhos de turma, envolve-se em projectos, debate problemas comuns com os encarregados de educação e com outros elementos da comunidade. Desenvolve trabalho em cooperação com actores educativos muito diversos e tem de lidar com diferendos e conflitos interpessoais. Para além disso, o professor participa em actividades próprias da sua profissão — frequentando encontros, integrando grupos de trabalho e empenhando-se em actividades de natureza associativa.

Neste campo, uma mudança torna-se por demais saliente: a emergência de uma importante dimensão colabora-

tiva na vida profissional do professor. Cada vez mais, este é chamado a integrar diferentes equipas, no seio das quais se espera que tenha um papel produtivo, ajudando a diagnosticar problemas, a encontrar soluções, a produzir materiais e a contribuir para o desenvolvimento de projectos educativos. Deste modo, aprender a trabalhar com professores da sua e de outras disciplinas e com outros actores educativos e sociais, respeitando as diferenças e capitalizando a diversidade de competências e recursos, constitui uma nova e importante faceta da vida profissional do professor.

O desenvolvimento profissional

Desde o momento em que entra na profissão, o professor debate-se permanentemente com novos desafios. São os alunos, com a sua diversidade, os seus problemas e os seus interesses, que importa saber como levar em consideração. São as dinâmicas na sala de aula, que é preciso saber gerir, criando ambientes positivos e favoráveis à participação de todos os alunos—mesmo daqueles que parecem apostados em dificultar a vida do professor. São as mudanças curriculares que envolvem novos objectivos, conteúdos, metodologias, materiais e concepções e práticas de avaliação e remetem para outros tipos de tarefas e novas formas de trabalho e de relação interpessoal. Enfim, é o próprio professor, que descobre em si mesmo outros interesses e formula novos projectos pessoais e profissionais.

A noção realista das próprias práticas, o balanço de pontos fortes e fracos, a definição das prioridades e o estabelecimento de um programa pessoal de desenvolvimento profissional constituem, hoje, aspectos a reter pelo professor. Deve procurar fazê-lo tendo em conta a instituição em que se insere, tirando partido das possibilidades de colaboração com os seus colegas e, eventualmente, com outros parceiros educativos.

Dois elementos têm emergido como proeminentes no campo do desenvolvimento profissional. O primeiro, é a generalização das práticas reflexivas, pelas quais o professor se interroga

sobre os mais diversos aspectos do seu trabalho, desde a simples resposta intrigante dada por um aluno na aula, à adequação das tarefas e formas de avaliação às características das suas turmas, desde o modo como estabeleceu as prioridades curriculares, aos objectivos educacionais que se propõe atingir. Escrevendo diários e relatos de experiências e participando em grupos profissionais, o professor pode criar condições favoráveis à realização de uma reflexão regular sobre a sua prática.

O segundo elemento, que vai na mesma direcção, é a afirmação do valor da investigação sobre a sua prática profissional. Esta envolve uma actividade intencional com vários elementos: (i) a formulação de questões, (ii) o desenvolvimento de estratégias que permitam encontrar respostas, ainda que provisórias, para essas questões, bem como de planos de intervenção e de recolha de dados que documentem os efeitos dessa intervenção, (iii) a análise e sistematização dos elementos recolhidos e (iv) o diálogo com outros actores de forma a partilhar resultados e perspectivas e alcançar uma nova compreensão dos problemas.

A profissionalidade docente

O papel fundamental do professor continua a ser o de ensinar a sua disciplina (ou, no caso dos professores do 1º ciclo, um conjunto de áreas disciplinares), no quadro de um projecto curricular. No entanto, este papel só pode ser desempenhado com sucesso se o professor se envolver noutras actividades, de natureza extra-lectiva, e valorizar o seu próprio desenvolvimento profissional. Em cada um dos campos da actividade docente é possível especificar, de modo muito detalhado, diversas competências necessárias ao professor. Por exemplo, numa obra recente, Perrenoud (2000) inventariou 10 grandes competências que, por sua vez, subdividiu em nada menos que 44 competências mais específicas¹.

No entanto, mais importante que a inventariação detalhada de competências talvez seja a discussão dos grandes valores e princípios que inspiram, cada vez mais, a actividade

- *As novas perspectivas curriculares que valorizam a actividade matemática do aluno*
- *o papel do professor como protagonista curricular*
- *a dimensão colaborativa da profissão*
- *as práticas reflexivas e a investigação sobre a sua prática profissional*
- *a natureza ética da profissão docente*

Figura 2. Linhas de força de mudança no papel profissional do professor

docente. Mais atrás, em relação aos vários campos da prática profissional do professor, referi já várias linhas de força que surgem sistematizadas na figura 2, em conjunto com um novo elemento, a natureza ética da profissão, que abordo já de seguida.

Há, na verdade, um conjunto de exigências éticas transversais, que envolvem todos os campos da prática profissional do professor. A afirmação da escola como instituição propiciadora de mudança social só é possível no quadro de uma atitude de compromisso norteada por valores éticos. Assim, a actividade do professor pressupõe valores como, por exemplo: a) uma obrigação de respeito pelo aluno, empenhando-se no seu desenvolvimento como pessoa e como cidadão, promovendo a sua autonomia e integração na sociedade; b) a assunção de uma atitude de valorização da profissão, contribuindo para a sua afirmação e o seu reconhecimento pela sociedade; c) a procura da valorização da sua escola e do seu projecto educativo. Noutro plano, o professor precisa ter em conta as directrices curriculares oficiais e valorizar a natureza e integridade da sua disciplina. Finalmente, tem de assumir uma posição coerente com os valores sociais e culturais dominantes na sociedade, manifestando ao mesmo tempo respeito por valores minoritários socialmente legítimos, opondo-se a processos de discriminação e exclusão².

A grande dificuldade resulta do facto destes valores apontarem, muitas vezes, em direcções contraditórias, tornando extremamente complexa, em cada situação, a definição da conduta a seguir.

A tomada de consciência do carácter profundamente ético da actividade docente, nos seus diversos campos, é, talvez, a mudança mais importante

na vida profissional do professor. Esta mudança requer mais atenção aos problemas da ética e da deontologia profissional, nos encontros de professores, no dia a dia das escolas, nas publicações de natureza profissional³.

No sistema educativo português, cada ciclo de ensino tem os seus próprios objectivos, de onde resulta alguma diferenciação nas atribuições do professor. A educação pré-escolar tem por eixo fundamental o estímulo das capacidades das crianças, visando o desenvolvimento equilibrado de todas as suas potencialidades e contribuindo para a sua estabilidade e segurança afectiva. Na educação básica, articulam-se objectivos centrados no desenvolvimento das crianças com outros objectivos visando a consolidação de uma identidade cultural, a aquisição de conhecimentos e capacidades e a promoção de diversas atitudes. O ensino secundário tem um duplo papel, procurando constituir um patamar educativo com identidade própria, e, ao mesmo tempo, uma via de passagem para estudos superiores ou para a integração directa no mercado de trabalho. Nos seus objectivos, pretende assegurar o desenvolvimento de capacidades intelectuais como o raciocínio, a reflexão e a curiosidade científica, bem como o aprofundamento dos elementos fundamentais de uma cultura humanística, artística, científica e técnica. O professor do ensino secundário assume um vínculo fortemente disciplinar, mas não deixa por isso de ter responsabilidades na formação integral dos alunos a seu cargo e na participação na actividade da respectiva comunidade educativa.

O que permanece e o que está a mudar, afinal, na vida profissional do professor de Matemática? O relacionamento directo com o aluno em torno do trabalho matemático,

continua a ser, sem dúvida, o eixo central da sua actividade. Este relacionamento desenvolve-se, hoje em dia, num contexto completamente diferente do passado. Tanto a prática lectiva, como a prática extra-lectiva e o campo do desenvolvimento profissional envolvem uma miríade de elementos novos que fazem da docência uma profissão dinâmica, que não deixa de ter as suas dificuldades, mas se afigura repleta de desafios.

Notas

¹ As 10 competências enunciadas por Perrenoud são as seguintes: *Organizar e dirigir situações de aprendizagem; Administrar a progressão das aprendizagens; Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; Envolver os alunos em sua aprendizagem e seu trabalho; Trabalhar em equipa; Participar da administração da escola; Informar e envolver os pais; Utilizar novas tecnologias; Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; Administrar a sua própria formação contínua.*

Mais perto da nossa realidade educativa, o INAFOP produziu há menos de um ano um "Perfil geral do desempenho profissional do educador de infância e do professor dos ensinos básico e secundário" com 29 competências (Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto).

² Lurdes Silva (1993) aponta várias áreas onde se torna necessária a consideração de questões de ordem ética, e onde se incluem, para além dos aspectos referidos, deveres para com o próprio, para com os outros trabalhadores da escola, para com o Ministério, para com as organizações sindicais e para com outras instituições escolares e académicas.

³ Um primeiro passo nesse sentido foi dado num painel no ProfMat 2001, dedicado ao tema da "Profissionalidade docente". Seria interessante ver as organizações de professores tomarem mais iniciativas neste sentido.

Referências

- Delors, J., e outros (1996). *Educação: Um tesouro a descobrir (Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI)*. Porto: ASA.
- Perrenoud, P. (2000). *10 novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed.
- Silva, L. (1993). Para um código deontológico dos professores. *Colóquio Educação e Sociedade*, 10, 119-136.

João Pedro da Ponte
Departamento de Educação
Faculdade de Ciências da
Universidade de Lisboa